



Reflexões teóricas sobre racismo e discurso jornalístico

Andressa Vieira Almeida. Graduanda em Jornalismo. Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA, campus São Borja.

Alciane Nolibos Baccin, Docente, Universidade Federal do Pampa- UNIPAMPA, campus São Borja

andressava2.aluno@unipampa.edu.br

O presente trabalho surge a partir do TCC “Sangue negro no chão: A construção do discurso na cobertura do assassinato de João Alberto Freitas pelo jornal Zero Hora”. Este resumo apresenta a discussão teórica dos principais conceitos que embasam nosso TCC. Tendo como objetivo principal fazer uma revisão de conceitos acerca do racismo e da análise de discurso, para assim posteriormente podemos abordar a construção das notícias veiculadas no jornal GZH. A segunda fase dessa pesquisa, fará a análise de discurso do caso de João Alberto Freitas, homem negro de 40 anos que foi espancado até a morte em uma instituição privada em Porto Alegre.

Partimos da conceituação do negro na sociedade brasileira, abordando o conceito de racismo, discriminação racial e branquitude. Depois de refletido sobre esses conceitos destacamos a compreensão do jornalismo e do discurso com recorte racial. Para isso usamos conceitos apresentados por Almeida (2019), Nascimento (2016), Bento (2002), Mbembe (2018) e Van Dijk (2002).

O racismo no Brasil existe desde a sua constituição enquanto nação. Essa herança na sociedade brasileira foi inserida na sociedade brasileira desde a escravidão. O país foi o último da América a abolir a escravatura, mas mesmo assim, após a promulgação da lei Áurea em 1888, os negros sofrem com as desigualdades. O modo diferenciado como corpos negros são tratados é amplamente demonstrado em estatísticas de desigualdades nos acessos de bens, serviços públicos, cargos, instituições privadas e em toda a construção da qual esses indivíduos não só ajudaram a constituir, mas ainda fazem parte diretamente e indiretamente.

Uma das principais faces do racismo é pautada pela violência que culmina no genocídio de homens negros. Segundo dados do Atlas da Violência (2020), em 2018, houve 57.956 homicídios no Brasil, correspondendo a uma taxa de 27,8 mortes por 100 mil habitantes. Entre eles, os negros (soma de pretos e pardos, segundo classificação do IBGE) representaram 75,7% das vítimas de homicídios, com uma taxa de homicídios por 100 mil habitantes de 37,8. Sendo assim a chance de um negro ser assassinado é muito superior quando comparada a de um não negro. Existe uma política de morte no Brasil que dita quem vai viver ou morrer, estando diretamente ligada à desigualdade étnico-racial. Segundo Mbembe (2018), existe um discurso político para a efetivação da morte. Essa narrativa é colocada constantemente para a sociedade, afirmando que o extermínio dessas vidas assegurarão a segurança e a existência do outro. Não há dúvida que, no Brasil, o grupo que domina o aparato institucional é composto hegemonicamente por indivíduos que são

privilegiados através da sua branquitude. Nessa perspectiva entender o papel do branco no processo de desigualdade racial perpassa em compreender as identidades desses indivíduos e a estruturação da sociedade. Segundo Carone e Bento (2002), quando se estuda o branqueamento, constata-se que foi um processo inventado e mantido pela elite branca brasileira. Existia um medo de que o Brasil se torna-se um Estado majoritariamente negro, e para resolver, o que era considerado um problema, foram sendo trazidos imigrantes, propondo o branqueamento da população brasileira, na tentativa de conferir aos brasileiros uma aparência europeia, tida como superior.

Todos os aspectos trabalhados anteriormente têm relação intrínseca com o jornalismo, seja pensando nas redações, mas também na construção das notícias. Segundo dados da pesquisa desenvolvida pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em conjunto com a Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), no ano de 2012, 64% dos jornalistas brasileiros eram homens e 36% mulheres, sendo 18% autodeclarados pardos e 5% pretos, ou seja, brancos em maioria com 72%. O que revela que a construção noticiosa é feita a partir da perspectiva de pessoas brancas. A mídia é uma importante ferramenta de informação para população com destaque na comunicação de massa, pois é por meio dela que se adquire informações, conhecimento e, principalmente, forma-se opinião. É importante compreender nesse aspecto que a comunicação de massa é um dos principais meios de transmissão e construção de ideologia. As afirmações e representações constantes que os meios de comunicação propagam sobre racismo e raça, é consequentemente a forma como a sociedade enxerga e irá continuar enxergando e reproduzindo. Os discursos enquanto narrativas, são produzidos e recebidos por falantes e ouvintes em situações específicas, dentro de um contexto sociocultural mais amplo. Assim, o processamento de discurso não se constitui em mero evento cognitivo. Entender como o discurso jornalístico corrobora com a banalização da violência sob corpos negros e a reprodução do racismo vem como uma urgência dentro da comunicação, principalmente no que tange a manutenção das práticas racistas e injuriosas contra pessoas não brancas, reforçando a discriminação e preconceito para com os grupos e sujeitos historicamente invisibilizados e oprimidos na sociedade brasileira.

Agradecimentos: Coletivo Niara, MEC e a UNIPAMPA.

Palavras-chave: Racismo; Branquitude; Jornalismo; Discurso; Negro